

# Fontes sobre a canção em Desterro no século XIX<sup>1</sup>

Prof.º. Dr.º. Marcos Tadeu Holler<sup>2</sup>

Dyane da Silva Rosa<sup>3</sup>

**Resumo:** O levantamento em documentação impressa mostra a presença do canto como uma importante prática musical da população existente no séc. XIX em Desterro. Este artigo traz uma seleção dos resultados encontrados sobre as canções e também do ensino de canto na Ilha de Santa Catarina período mencionado.

**Palavras-chave:** História da música em Santa Catarina – História da Imprensa – Canção - Desterro

## 1. Introdução

Este artigo é resultado de um levantamento de dados sobre a prática e o ensino da música ocorrida em Desterro no séc. XIX, realizado em jornais da época que se encontram disponíveis na Biblioteca Estadual de Santa Catarina. Nos jornais foram encontradas variadas informações sobre a prática musical no período em questão; para este trabalho foram selecionadas as informações sobre o canto acompanhado e o ensino de canto em Desterro. Além disso foram utilizados como fonte relatos de viajantes que passaram pela Ilha de Santa Catarina no séc. XVIII e início do séc. XIX, a partir das publicações originais, das transcrições na obra de Martim Afonso Palma de Haro *Ilha de Santa Catarina – Relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX* (1996), e de palestra apresentada por Holler no VIII Encontro de Musicologia História em Juiz de Fora, em 2008.

O primeiro jornal que apareceu em Desterro foi *O Catarinense*, publicado por iniciativa de Jerônimo Francisco Coelho em 1831. (PEDRO, 1995). Segundo Cabral,

*A imprensa sempre foi o mais farto manancial de informações que se poderia desejar, muito mais precisa, muito mais freqüente, muito mais colorida do que o relato dos cronistas e viajantes e dos escrivães e secretários, redigindo os documentos. Infelizmente, tal manancial só se abre, com a abundância desejada, na segunda metade do século XIX. (CABRAL, 1972, p.46)*

Quando começou a luta pelo poder público, começou-se também a usar a imprensa para a disseminação de ideologias dos partidos políticos a fim de persuadir a opinião pública. Para decidir um processo eleitoral, bastava muitas vezes a opinião de um padre, do chefe de polícia ou de um oficial da guarda nacional, idéias essas que eram disseminados em jornais da época. Cada jornal tinha seu lado político. *A República*, por exemplo, fundamentalmente de direita, tomava partido do governador, apresentava um olhar romântico em relação a república, sobre o governador e as coisas que o mesmo construía na cidade. Além disso criticava os jornais que apresentavam opiniões contrárias, como por exemplo a *Gazeta do Sul*, que muitas vezes mencionado negativamente

<sup>1</sup>Projeto de pesquisa *Fontes impressas sobre a música em Florianópolis nas primeiras décadas da República*, Centro de Artes.

<sup>2</sup>Orientador, Departamento de Música.

<sup>3</sup>Bolsista PROBIC.

n' *A República* por ter publicado uma nota criticando o governador ou o governo em geral.

O jornais também apresentavam regras de comportamento social, e recomendavam como deveriam se portar a mulher e o homem, e o que deveriam aprender e fazer no decorrer de suas vidas. A imprensa divulgava que as jovens “de boa sociedade” deveriam ter aulas de piano, ou de música, e anunciava escolas de música e aulas particulares destinadas ao sexo feminino, como afirma Siebert:

*Não se pode dizer que a imprensa pregava no deserto. Entre 1850 e 1860 os jornais de Desterro anunciavam os serviços de cinco professores de piano, dois professores de Dança, duas oficinas de instrumentos musicais e duas escolas de primeiras letras destinadas ao sexo feminino. (SIEBERT, 2001, p.249)*

A seguir são apresentadas algumas informações sobre atividades envolvendo a prática de canções (geralmente acompanhadas pelo piano) e o ensino de canto em Desterro no séc. XIX. Os jornais utilizados foram *O Despertador*, *A Regeneração*, *Opinião Catarinense*, *O Conservador*, *Commercial*, *O Mercantil*, *O Novo Íris* e o *Jornal do Comércio*. Cabe ressaltar que os resultados apresentados aqui referem-se a uma pesquisa ainda em andamento, que terá continuação em um trabalho de conclusão de curso.

## 2. A canção e os relatos dos viajantes

A canção é universal. Segundo Valverde (2008), “a presença do canto nas diversas culturas do planeta sugere a universalidade desta relação entre música e palavra”. Cada cultura tem seu repertório de canções e dentro de uma mesma cultura elas podem existir em várias formas. São utilizados os mesmos elementos, palavra, melodia e canto, porém não organizados do mesmo modo.

Introduzida pelos colonizadores, no Brasil colonial a canção também teve sua relevância, em diversos setores da sociedade. No início era geralmente acompanhada pela viola (mais tarde pelo piano), e aos poucos passa a assumir características próprias, dando origem aos primeiros gêneros considerados já na época como tipicamente brasileiros, como a modinha e o lundu cantado.

Segundo Cabral (1968, p. 168), “certamente a [arte] mais antiga cultivada no Destêrro foi

a música e o canto, cujo gôsto teria sido trazido pelos açorianos”. Antes do século XIX já se via a presença grande do canto e da música em Santa Catarina através dos relatos de viajantes. Um gênero extremamente popular na Europa a partir do séc. XVIII foi a literatura de viagem; viajantes que passavam pelas terras recém-descobertas (e extremamente exóticas para a imaginação dos europeus) por motivos militares, científicos, políticos ou exploratórios, ao voltar publicavam extensos relatos. Estes vários relatos contêm informações da flora, fauna do lugar visitado, como também os costumes e peculiaridades da população ali existente. Cabe observar que o intuito dos relatos era descrever o exótico e curioso, e muitas vezes estas características eram ressaltadas, trazendo o ponto de vista do colonizador (HOLLER, 2008).

Diversos viajantes estiveram na Ilha de Santa Catarina a partir do séc. XVIII, mas neste artigo serão abordados apenas alguns dos relatos de viajantes que estiveram pela Ilha no séc. XIX. Um dos relatos que mencionam canções na Ilha no início do século XIX é o do médico e naturalista Georg Heinrich Von Langsdorff (que esteve em Santa Catarina entre 1803 e 1804). Langsdorff descreve a prática dos portugueses que habitavam a Vila e o conteúdo de suas canções:

*Os moradores de toda a província são atenciosos, cordiais e expansivos, reina muita hospitalidade e vida social. À noite, reúnem-se em grupos de pequenas famílias onde, segundo o costume bem português, dançam, riem, fazem gracejos, cantam e brincam. Os instrumentos mais comuns são a guitarra e o saltério. A música é expressiva, agradável e contagiante, as canções por seu conteúdo, são as costumeiras e falam geralmente do amor e da moça das saudades e suspiros do coração. (LANGSDORFF, 1818, pp. 54-55. Tradução nossa.)*

Este trecho nos dá uma idéia dos conteúdos das canções que cantavam: era canções de acordo com o costume em Portugal, ou seja, nada novo para o autor, apenas o que ele já estava acostumado a ouvir na Europa. Chega-se a essa conclusão pelas expressões encontradas nesse relato, como “segundo o costume bem português” ou “as canções por seu conteúdo, são as costumeiras”.

Um trecho do mesmo relato, estando o au-

tor na Ilha na passagem do ano de 1803 para 1804, descreve as festas que os escravos negros fizeram na virada do ano, sendo que os mesmos recebiam liberdade apenas alguns dias para a festa de ano novo:

*Encontrei com facilidade o terreiro de danças no centro da vila, pois o som da música e os gritos dos dançantes ecoava à distância; digo música, mesmo que não se ouvisse um só dos nossos instrumentos europeus de som ou de corda. Era uma gritaria monótona, uma marcação barulhenta e selvagem do compasso, com as batidas dos chovalhos e palmas indicando à distância o lugar da reunião. [...] Negros e negras, como foi dito, circundavam seu chefe e, conforme as habilidades, dançavam no centro do círculo, fazendo os movimentos mais estranhos e peculiares; outros cantavam, ou melhor, emitiam alguns gritos africanos que eram incompreensíveis. (LANGSDORFF, 1818, p. 169. Tradução e grifo nosso)*

Com este trecho em comparação ao o outro acima comentado, observa-se uma diferença da prática musical feito pelos moradores da Ilha para a música dos escravos negros. A música dos escravos para o ouvido europeu soava mais estranha, tanto que o canto dos negros aqui é colocado como “gritos africanos que eram incompreensíveis”, mas percebe-se aqui também a presença do canto como uma atividade dos escravos. Essa importância é comentada por Cabral (1951, p. 11) quando afirma que “é interessante, não obstante, assinalar que nesse mesmo ano, outra postura disponha que seria permitido o ‘canto para facilitar o trabalho’, quando não fosse hora de silêncio obrigatório”. Com o canto o trabalho pesado ficava menos penoso para o escravo, tanto que possivelmente essa postura do branco em permitir que o escravo cantasse durante o trabalho serviria como um facilitador do cumprimento do serviço imposto a eles.

Langsdorff descreve também a visita a uma casa de uma família no continente:

*Na mesma tarde em que conheci tal senhor, deixei a Vila Nossa Senhora do Desterro e, a convite de meu novo guia, dirigi-me para o continente, no outro lado do estreito; à noite, pelas cinco horas, chegamos à residência dele.*

*Ele e sua família viviam em uma pequena casinha, situada em paisagem encantadora e fértil, a uns cem passos da praia. [...] Fui recebido da maneira mais amigável, servido à moda da terra e do melhor que esta gente podia me dispensar. Duas filhas adultas, muito bem educadas, cantaram, a meu pedido, umas canções agradáveis e expressivas, se bem que não tocavam instrumento musical, mas acompanhavam seu canto com uma concha, dentro da qual havia umas pedrinhas, semelhantes às castanholas espanholas, e que davam uma cadência com muita graça e simplicidade. (LANGSDORFF, 1818, p. 170. Tradução e grifo nosso)*

Esta canção que Langsdorff ouviu das filhas do fazendeiro está transcrita em sua obra e seria, segunda Castagna (2003), “o primeiro registro musical de uma modinha seguramente cantada em solo brasileiro” (Ver Fig. 1).

Outra classe de moradores que viviam na Ilha além dos escravos negros e os moradores portugueses eram os imigrantes açorianos, que haviam se estabelecido como pescadores em comunidades ao longo da costa da Ilha. Carl Friedrich Gustav Seidler, que esteve em Santa Catarina em 1825, veio como comandante do navio Caroline, que trouxe imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul. Um trecho de seu relato descreve uma visita a uma aldeia de pescadores, e sua prática musical:

*Não decorrera meia hora, começaram a aparecer homens, mulheres e raparigas, todos em traje noturno, com muitas fitas multicores e todos ao que parece muito contentes com a nossa visita noturna. Por fim regressou também o dono da casa, acompanhado dum dez raparigas levianas e levemente vestidas e um espanhol desgarrado, no qual bem se adivinhava pelos olhos a nadarem num luar escuro o alcoviteiro e bandido. Trazia ele um velho mandolim francês, muito remendado, com o qual pretendia depois acompanhar o canto, ou antes o choro das mulheres velhas, durante as danças. (SEIDLER apud HARO, 1996, p. 286)*

Também nesse povoado de pescadores existia a presença forte do canto na prática musi-

## BRASILIA ANSCHE ARIA.

*Modo. 4x.*

Quan - do o mal a - - a - ba, O bem princi - pi - a quando o mal a - ca - ba O bem princi - pi - a Meu mal a - ca - bou O  
bem se se - guia, O bem se se - guia, O bem se se - guia - - Pois sim, meu senhor Meu mal a - ca - bou Mas pen - so que  
vou - De mal a pe - or - - De mal a pe - or -

1) Quando o mal acaba  
O bem principia  
Meu mal acabou  
O bem se seguia  
Pois sim, meu senhor,  
Meu mal acabou  
Mas penso que vou  
De mal a peor.

2) Vem a noite escura  
Succedes o dia  
Depois da tormenta  
Vem a calmeria  
Pois sim, meu senhor,  
Meu mal acabou  
Mas penso que vou  
De mal a peor.

Fig. 1: "Ária brasileira" (modinha) coletada por Langsdorff em Santa Catarina. Fonte: Langsdorff, 1818.

cal, embora de caráter diferente dos moradores da Vila, o que se percebe no modo como as duas são descritas pelos viajantes.

### 3. Informações encontradas nos jornais

As informações encontradas nessa pesquisa foram divididos em dois assuntos: ensino do canto e a prática de canções.

Entre as informações sobre o ensino de canto, a referência mais antiga encontrada nos jornais pesquisados é um anúncio n' *O Novo Íris* de 10 de janeiro de 1851, segundo o qual "Antonio de Souza Fagundes continua a dar lições de piano e canto tanto no seu colégio no Largo do Senado como em cazas particulares". Depois encontramos anúncios sobre lições de música, canto, piano, rebeca, flauta e dança no jornal *O Mercantil* de 22 de outubro de 1861, e em 4 de outubro de 1863, no mesmo jornal, outro anúncio de José Maria Martins Leoni que "dá lições de música, canto e piano. Encarrega-se de mandar vir do Rio de Janeiro pianos afiançados, músicas e tudo quanto pertencer a sua arte"; *O Despertador* de 16 de outubro do mesmo ano traz um outro anúncio de José Maria Martins Leoni, que "dá lições de música, canto e piano em casas particulares, em colégios e em sua residência".

Como foi visto anteriormente, a imprensa divulgava escolas de músicas e aulas particulares, principalmente destinada ao sexo feminino. Entre os dados encontrados têm-se anúncios de aulas de canto oferecidos por escolas unicamente para o sexo feminino, como n' *O Despertador* de 19 de fevereiro de 1867: "Collégio de Instrução Secundária para o Sexo Feminino. Doutrina Cristã, Gramática, Francês, Aritmética, Geografia, História, Caligrafia e Canto com o Professor Guilherme Hautz". O jornal *A Regeneração* de 17 de julho de 1873 traz também o anúncio de um colégio religioso que oferece em sua grade "idiomas, piano e canto, pagos à parte da pensão, que é trimestral".

Entre os professores noticiados nos jornais como professores de canto o que mais aparece é o professor José Maria Martins Leoni, tendo dois dos seis anúncios onde professores oferecem seus trabalhos. Ao todo foram selecionados 10 anúncios sobre ensino do canto, sendo 3 anunciados por escolas para o sexo feminino, 6 por professores (José Maria Martins Leoni, Guilherme Hautz, Mme. Carolina Calgan, Henriqueta Molina, D. Antônio Ibane e August Kracke) anunciando seus serviços e 1 anúncio de uma sociedade oferecendo aulas de canto para a sociedade leitora do jornal. Dos anúncios apenas um trazia preços das aulas, o do Prof. Au-

gust Kratke no Jornal O Mercantil de 21 de março de 1867: “August Kratke, chegado de Berlim, oferece seus serviços de música e afina também pianos. Preços: Lições no piano e no canto -1h-1\$000; Lições no piano e no canto -2h -1\$600; Afinar piano à 2 cordas - 3\$000; Afinar piano à 3 cordas - 4\$000”.

Nos jornais eram relativamente freqüentes as referências a apresentações que envolviam canto e piano, na maioria apresentações promovidas por clubes e realizadas em suas dependências, como por exemplo a que aparece no Jornal *O Despertador* de 4 de março de 1879: “haverá o concerto trimestral do Club Euterpe Quatro de Março, com bonitas peças de canto e piano”. Entre os termos usados para designar a execução de canto e piano estão “concertos” (citado 3 vezes), “apresentação” (citado 2 vezes), “soirée” (citado duas vezes), “sarau” (1 vez) e apenas uma citando a execução de peças de canto e piano indubitavelmente em âmbito doméstico, esta publicada no jornal *A Regeneração* de 17 de maio de 1877: “uma família cantou para o General [Osório], em sua casa, uma canção militar do compositor paulista Benedito Luz, acompanhada ao piano”.

Poucos anúncios falam sobre o programa da execução de canto e piano, sendo que das 9 referências encontradas apenas 3 possuem menção ao repertório apresentado. Dois dos anúncios do jornal *O Despertador* trazem programas de apresentações, como por exemplo o publicado no dia 2 de julho de 1878, sobre concerto no Club Quatro de Março, com peças de Weber, Beethoven, Rossini, Liszt, Meyer-Beer, Campanna. Podemos notar aqui que o repertório é predominantemente formado por peças de compositores europeus. Já em outro anúncio do Jornal *A Regeneração*, já citado, vê-se a execução de uma canção (piano e voz) de um compositor brasileiro. Observando-se as proporções encontradas, percebe-se que as execuções de piano e canto era constituídas predominantemente por peças de compositores europeus, sendo que se encontram poucos anúncios sobre execuções de peças brasileiras para canto e piano.

É curioso observar que os artigos mencionados acima não trazem informação sobre os instrumentistas ou cantores, provavelmente devido ao fato de esse repertório ter sido executado por amadores, e não por concertistas ou instrumentistas profissionais de passagem pela Ilha. O que pode comprovar essa hipótese é que de dois dos anúncios mencionados fazem referência ao fato de o programa ter sido executado por amadores, como o seguinte: *O Despertador* de 30 de agosto de 1879 informa

que “três cavalheiros, de passagem pela capital, ofereceram uma brilhante soirée às sociedades Club 12 de Agosto e Quatro de Março. Algumas amadoras executaram várias peças de piano e canto”. Além disso, encontram-se em outros jornais do mesmo período referências a outros instrumentistas (sobretudo violinistas e pianistas) de passagem por Desterro, e seus nomes são mencionados diversas vezes.

Para este artigo não foram selecionados anúncios que falassem sobre a música sacra, porém não se pode deixar de mencionar que a Igreja foi um importante centro para práticas musicais, principalmente o canto na época. Segundo Cabra,

*Ao canto religioso não faltavam oportunidades para ser ouvido. Missas cantadas, Te Deums, em festas do Espírito Santo e Corpus Christi, nos aniversários e esponsórios reais e principescos, faziam afluir à igreja matriz o alto mundo da insignificante vila, a escutar os velhos vigários colados e encomendados das freguesias da Ilha, com as duas vozes não muito harmoniosas, em desafinação com as dos frades de passagem por aqui, estes mãos treinados em cantos de conjunto... (CABRAL, 1951, p.10)*

Mais à frente do mesmo trabalho o autor ainda acrescenta: “Mas a boa música era ainda a religiosa... Não resta a menor dúvida que, afora os concertos da Euterpe, quem queria ouvir boa música tinha que entrar na Igreja. Aí é que se revelam os artistas do canto e da execução” (CABRAL, 1951, P. 28). Sendo assim, em um futuro trabalho o tocante a música sacra será aprofundado, mostrando a importância do canto também na música Sacra feito em Desterro no séc. XIX.

### 3. Considerações finais

Por meio dos relatos dos viajantes e dos artigos de jornais pode-se perceber o canto como um elemento presente praticamente desde o início da colonização da Ilha de Santa Catarina e durante o desenvolvimento da Vila de Nossa Senhora do Desterro, no séc. XIX. Também se pode perceber como nos relatos do início do séc. XIX os instrumentos mencionados como acompanhantes são o saltério e a guitarra, comuns em Portugal, e que a partir de meados do século o único instrumento mencionado nos jornais é o piano; essa informação pode ilustrar como os artigos de jornais eram

produzidos por e para uma determinada elite econômica e cultural, que procurava se destacar imitando modelos das cidades maiores. Essa mesma característica pode ser refletida na presença quase exclusiva de compositores europeus nos programas de concerto do período.

Podemos ainda supor que nos pequenos aglomerados de pescadores distribuídos pela Ilha ou mesmo entre os setores mais pobres da Vila de Nsa. Sra. do Desterro eram praticados outros gêneros de canções, que porém não tiveram espaço nos jornais, fonte utilizada para este trabalho.

## Referencial Bibliográfico

BORGHOFF, Margarida Maria; CASTRO, Luciana Monteiro de; PÁDUA, Mônica Pedrosa de. *Em defesa da canção de câmara brasileira*. In: PER MUSI: Revista de Performance Musical. Belo Horizonte: 2003.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A Música em Santa Catarina no Século XIX*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1951. 40 p.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: 1968.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro: memória*. Florianópolis: Imprensa da Universidade Federal do Estado de Santa Catarina, 1972.

CASTAGNA, Paulo Augusto. *A modinha e o lundu nos séculos XVIII e XIX*. In: História da Música Brasileira. São Paulo: Instituto de Artes da UNESP, apostila do curso, 2003. Não publicado.

HARO, Martim Afonso Palma de. *Ilha de Santa Catarina – Relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1996.

HOLLER, Marcos. *A Música na Ilha de Santa Catarina nos relatos de viajantes dos sécs. XVIII e XIX*. Palestra no VIII Encontro de Musicologia Histórica, Juiz de Fora: 2008. Não publicado.

HUBENER, Laura Machado; PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina História da Gente*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983. 152 p.

LANGSDORFF, Georg Heinrich von (Barão). *Reis rondom de Wereld in de Jaren 1803 tot 1807*. Tradução de Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807 von G. H. von Langsdorff, Kaiserlich-Russischen Hofrath, Ritter des St. Annen-Ordens zweiter Klasse, Mitglied mehrerer Akademien und gelehrten Gesellschaften. Amsterdam: J. C. van Kesteren, 1818.

PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o Público e o Privado: a Imprensa de Desterro no Século XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995. 106 p.

ROSA, Hélio Teixeira da. *História da música*. In: MELO, Oswaldo Ferreira de (coord.). *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. [s.e.], 1991. 216p. p. 155-175.

SIEBERT, Itamar. *Crônica jornalística, sociabilidade e vida familiar na Desterro de meados do século XIX*. In: BRACHER, A.; AREND, S. M. F. (org) *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. 347p. p. 231-267.

VALVERDE, Monclar. *Mistérios e Encantos da canção*. In: MATOS, Cláudia Neiva; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de; TRAVASSOS, Elizabeth (org). *Palavra Cantada – Ensaios sobre Poesia, Música e Voz*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

## JORNAIS:

*A Regeneração*. Desterro, 1868 – 1888.

*Commercial*. Desterro, 1868.

*Jornal do Comércio*. Desterro, 1880 – 1894.

*O Conservador*. Desterro, 1874 – 1889.

*O Despertador*. Desterro, 1863 – 1885.

*O Mercantil*. Desterro, 1861 – 1869.

*O Novo Íris*. Desterro, 1850 – 1852.

*Opinião Catarinense*. Desterro, 1875.